

ESCULTURAS DO MUSEU NACIONAL DE ARTE ANTIGA DE LISBOA (1884-2024): SACRALIZAÇÃO MUSEOLÓGICA E BIOGRAFIA CULTURAL DOS OBJETOS

*SCULPTURES OF THE MUSEU NACIONAL DE ARTE ANTIGA AT LISBON (1884-2024):
MUSEOLOGICAL SACRALIZATION AND CULTURAL BIOGRAPHY OF THE OBJECTS*

*ESCULTURAS DEL MUSEU NACIONAL DE ARTE ANTIGA DE LISBOA (1884-2024):
SACRALIZACIÓN MUSEOLÓGICA Y BIOGRAFÍA CULTURAL DE LOS OBJETOS*

Maria João Vilhena de Carvalho¹
jovilhenacarvalho@yahoo.co.uk

RESUMO

Este artigo, partindo da apresentação pública no XIII Congresso Internacional da Escultura Devocional (CEIB, Penedo, Alagoas, 10 de outubro de 2024), propõe uma reflexão sobre a sacralização museológica das esculturas do Museu Nacional de Arte Antiga (MNAA), em Lisboa, ao longo dos seus 140 anos de existência. Com base no conceito de biografia cultural dos objetos, analisa-se a forma como as esculturas religiosas, originalmente dotadas de função devocional, adquirem novos significados no contexto museológico contemporâneo. Por meio do estudo das suas proveniências, transformações museográficas e práticas curatoriais, demonstra-se como a integração no museu representa uma forma de sacralização patrimonial simbólica, fundamentada na conservação, investigação, mediação e partilha de conhecimento.

Palavras-chave: Sacralização museológica; Escultura devocional; Biografia cultural dos objetos; Museu Nacional de Arte Antiga.

ABSTRACT

This article, stemming from a public presentation at the 13th International Congress of Devotional Sculpture (CEIB) in Penedo, Alagoas, on October 10, 2024, urges readers to consider the museological sacralization of sculptures at the National Museum of Ancient Art (MNAA) in Lisbon over its 140-year legacy. Grounded in the concept of the cultural biography of objects, the article compellingly explores how religious sculptures, initially crafted for devotional use, gain new significance within the contemporary museum. By delving into their historical provenances, the evolution of museographic practices, and the strategies of curators, this work demonstrates that their presence in the museum not only conserves their artistic heritage *aura* but also transforms their symbolic sacralization, fostering a dynamic environment for research, mediation, and the sharing of knowledge.

Keywords: Museum sacralization; Devotional sculpture; Cultural biography of objects; Museu Nacional de Arte Antiga.

¹ Historiadora portuguesa, com formação em História da Arte, é doutorada em História da Arte, Museologia e Património Cultural pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade NOVA de Lisboa em 2014. Desde 2000, é a curadora responsável pela Coleção de Escultura do Museu Nacional de Arte Antiga em Lisboa, tendo comissariado e participado em exposições em Portugal e no estrangeiro. É investigadora integrada do Instituto de História da Arte da NOVA/FCSH, filiada nos grupos de investigação *Museum Studies e and Pre-Modern Visual and Material Culture*.

RESUMEN

Este artículo, basado en una presentación pública en el XIII Congreso Internacional de Escultura Devocional (CEIB, Penedo, Alagoas, 10 de octubre de 2024), propone una reflexión sobre la sacralización museológica de las esculturas del Museo Nacional de Arte Antigua (MNAA) de Lisboa a lo largo de sus 140 años de existencia. Partiendo del concepto de la biografía cultural de los objetos, el artículo analiza cómo las esculturas religiosas, originalmente dotadas de una función devocional, adquieren nuevos significados en el contexto museológico contemporáneo. A través del estudio de sus orígenes, transformaciones museográficas y prácticas curatoriales, el artículo demuestra cómo su integración en el museo representa una forma renovada de sacralización patrimonial simbólica, basada en la conservación, la investigación, la mediación y el intercambio de conocimientos.

Palabras clave: Sacralización museística; Escultura devocional; Biografía cultural de los objetos; Museu Nacional de Arte Antiga.

INTRODUÇÃO

O Museu Nacional de Arte Antiga (MNAA), fundado em 1884 e instalado no Palácio dos Condes de Alvor, em Lisboa, é o mais antigo museu nacional, conservando e mostrando as mais significativas coleções de arte em Portugal, destacando-se, aqui, a sua coleção de escultura. Ao longo dos seus 140 anos de história, o museu tem vindo a desempenhar um papel central na recolha, preservação, estudo e exposição de objetos escultóricos de origem diversa. Na sua grande maioria, são provenientes de contextos religiosos, contando-se, na coleção, proporcionalmente, poucos exemplos de escultura ou de estatuária civil. Esta proveniência, marcada por uma trajetória de descontextualização e reinscrição museológica, é essencial para compreender o atual estatuto patrimonial, estético e epistemológico destas obras.

A biografia cultural das esculturas do MNAA permite-nos atender às suas transformações ao longo do tempo – físicas, simbólicas e institucionais –, assim como à forma como o museu, enquanto espaço de produção de sentidos, contribuiu para uma “nova sacralização” museológica desses objetos. Essa nova sacralização não deve ser entendida em termos religiosos, mas atendendo à passagem da esfera do culto para a esfera do museu, enquanto processo de revalorização patrimonial e simbólica, motivado por critérios museológicos, historiográficos e artístico-materiais. A partir do processo de incorporação, que em Portugal pressupõe a sua impossível alienação do património, as esculturas ganham um novo estatuto de intocabilidade e de reverência, agora dentro do domínio laico do museu.

Esta abordagem apoia-se na noção de biografia cultural dos objetos, tal como formulada por autores como Igor Kopytoff (1986) e Arjun Appadurai (1986), e segue os percursos das esculturas desde o seu contexto original – igrejas, conventos, capelas, ermidas, espaços

devocionais privados – até à sua incorporação nas reservas e nas galerias do MNAA. Esta nova parte da história implica os processos de seleção, inventário, conservação, restauro, catalogação e exposição, processos que decorrem entre os tempos da permanência e os efêmeros, todos eles inscritos em lógicas de construção de conhecimento e de autoridade museológica e histórico-artística. A musealização das esculturas envolve, assim, não só a sua preservação física, mas também a sua reinterpretação, reorganização e revalorização à luz de todas as narrativas passíveis de ser construídas a partir delas. Cada um dos núcleos, que pode autonomizar-se a partir do grande conjunto composto por perto de 2.600 objetos esculpidos que constituem a Coleção do MNAA, quer consideremos os tempos da produção artística ou o historial das suas funções, participa na construção de significados, determinando modos de receção e fruição das obras. Serão eles a modelar a perceção pública e social da escultura enquanto património artístico e histórico. A sacralização museológica contemporânea confere aos objetos um novo estatuto aurático (Benjamin, 1936) distinto, mas não dissociado, da sua origem sagrada.

Neste início do segundo milénio, o conceito de “nova sacralização”, da renovação contínua do sentido das imagens, terá, assim, de entender-se em três planos interligados: a permanência do sentido sagrado original das esculturas/imagens, muitas delas encomendadas para contextos devocionais específicos; a tradição do museu como espaço simbólico de conservação do belo e do artístico, herdeiro do *Museum* helenístico; e a atuação contemporânea sobre os objetos museológicos conforme os princípios da definição do ICOM (2022), que valoriza a conservação ética, a acessibilidade inclusiva e a criação de experiências educativas e reflexivas. O modelo tripartido supõe, assim, a preservação material, mas também a sua capacidade de produzir sentido e memória no presente.

BIOGRAFIA CULTURAL E PROVENIÊNCIA DAS ESCULTURAS

O estudo da biografia cultural dos objetos pressupõe, como lemos, o reconhecimento das várias etapas de vida de cada peça e seus correspondentes significados: a sua criação, uso, desuso, deslocação e incorporação no museu. O conhecimento das proveniências é fundamental para esta análise. A coleção constituiu-se, desde finais do século XIX, por meio de transferências institucionais, doações, legados e aquisições no mercado de arte, modos de incorporação comuns às outras coleções do MNAA. As transferências mais significativas decorreram da extinção das ordens religiosas (1834-1910), da Implantação da República (1910), integrando bens que eram propriedade do Estado, mas estavam na posse da Casa Real, e da aplicação da Lei de Separação do Estado das Igrejas (1911) com a nacionalização dos bens eclesiásticos. Estas obras foram inicialmente depositadas em conventos e/ou na Academia de Belas-Artes de

Lisboa, até serem integradas no Museu Nacional de Belas Artes e Arqueologia, fundado em 1884 e antecessor do MNAA (1911). Por sua vez, as doações e os legados mais importantes e significativos, entre muitas outras civicamente generosas, foram o legado do poeta e político Guerra Junqueiro (1850-1923), a doação de Calouste Sarkis Gulbenkian (1869-1955) e a doação dos herdeiros do Comandante Ernesto de Vilhena (1876-1967), o maior colecionador de escultura portuguesa da primeira metade do século XX.

Ao traçar esta história das esculturas do MNAA, pretendemos mostrar como o museu atua não apenas como um lugar de conservação e exposição, mas também como agente de transformação simbólica e institucional. A sacralização museológica aqui analisada é, por isso, um processo cumulativo e estratificado, que envolve decisões curatoriais, políticas patrimoniais, práticas de conservação e discursos historiográficos. Ao revisitar as esculturas do MNAA entre 1884 e 2024, procuramos compreender como estas se transformaram em artefactos de culto museológico, ganhando um novo estatuto aurático e epistemológico no seio da instituição museal.

A coleção caracteriza-se hoje por uma notável amplitude cronológica e tipológica, fruto de um processo de incorporação gradual que se mantém até hoje. Inclui obras desde o século I a.C até ao início do século XIX, mas, no conjunto, predominam as imagens religiosas associadas ao culto católico datáveis entre os séculos XII e XIX. Destaca-se, assim, um núcleo coeso de imaginária, constituído por esculturas em madeira, pedra, barro cozido, barro cozido e vidro e marfim, incluindo desde obras com carácter portátil e destinadas à contemplação, até grandes imagens de altar.

O maior número de obras incorporadas a partir da extinção liberal das ordens religiosas e da aplicação da Lei de Separação do Estado das Igrejas, é oriundo de Lisboa, capital onde se concentravam grandes casas conventuais e múltiplas paróquias. Desta circunstância deriva a relativa dominância de esculturas em madeira barrocas e tardo-barrocas, em madeira dourada, estofada e policromada, sobreviventes ao Terramoto de 1755 ou produzidas na reconstituição patrimonial das casas religiosas após o cataclismo.

TRANSFORMAÇÕES MUSEOGRÁFICAS E CURATORIAIS

Ao longo da sua existência, o MNAA conheceu diversos modos de apresentação da coleção de esculturas, fruto de diferentes concepções narrativas. Durante décadas, estas obras de arte foram integradas em exposições “mistas”, junto com objetos de arte de outras disciplinas artísticas e ornamentais, em discursos cronológicos ou estéticos que raramente permitiam destacar a especificidade da escultura como forma plástica ou como testemunho cultural. A transformação substancial foi possível após a receção da doação ao Estado Português da

coleção do Comandante Ernesto Vilhena, feita pelos seus herdeiros em 1969, constituída por mais de 1.500 exemplares, que triplicou o número de esculturas do acervo. Depositada no MNAA desde então, e definitivamente propriedade sua em 1980, a gigantesca incorporação obrigou a um redimensionamento logístico e conceptual, e foi o ponto de partida para a construção de uma exposição permanente autónoma, realizada pelo conservador Sérgio Guimarães de Andrade (Carvalho, 2017).

Pela primeira vez, desde 1994, quando definitivamente inaugurada, foi possível representar, de forma sistematizada, a história da escultura portuguesa. A narrativa consolidou-se como um modelo de “acumulação dinâmica”, determinada por tempos e temas, na qual acabava por estar presente a memória do grande colecionador Vilhena: as peças expostas permitiram doravante mostrar o protagonismo da imaginária policromada, originalmente com funções devocionais, na construção da identidade artística nacional.

Figura 1 – Doação da Coleção do Comandante Ernesto Vilhena (herdeiros); exposição permanente de Escultura do MNAA (1992-2009)



Fonte: © MNAA, Arquivo da Coleção.

Mostravam-se desde os mais antigos exemplares em madeira sobreviventes em Portugal, reunidos a uma protetora e colorida multidão de imagens em pedra, com as diferentes representações de Cristo, da Virgem Maria, de Santos e Santas, Anjos e Arcanjos, dos séculos XIV e XV, produzidas nos centros de Coimbra, Lisboa, Santarém, Évora ou Batalha. Algumas foram autonomizadas como *masterpieces*, outras compunham séries de imagens que seguem modelos consagrados. Já no universo das esculturas de Quinhentos, prolongava-se a linha da apetência pela imagem dos fins da Idade Média, mas noutras anunciava-se um novo sentido do corpo e da composição escultórica. Do século XVII em diante, mas sempre no mundo da imaginária devocional, predominava a madeira; o barro pontuava com algumas peças

executadas nas oficinas monásticas, sobressaindo a de Alcobaça e, posteriormente, numa imensidade de figuras de presépio. Em todas elas, as linhas, as formulações e os movimentos característicos do proto-barroco e do barroco mostravam a adoção definitiva do sistema compositivo do contraposto. Mas, sobretudo, evidenciavam-se os sistemas característicos portugueses da policromia, plenos de colorido; a luz, a sombra e as dinâmicas criadas pelos tecidos representados pelas diferentes técnicas do trabalho do dourado e do estofado, serão doravante características intrínsecas da imaginária devocional portuguesa. Na síntese museológica de Sérgio Guimarães de Andrade, o visitante reencontrava, no seu percurso, o Colecionador Ernesto Vilhena na múltipla presença da imagem, panteão tangível desde o quotidiano medieval, chegando até à grandiosidade barroca das peças provenientes das casas religiosas extintas, conciliando com muita clareza as identidades da história visual e patrimonial.

Figura 2 – Sala do Presépio Português



Fonte: © MNAA, Paulo Alexandrino.

No início do milénio, o MNAA foi palco de profunda transformação museológica e museográfica, a que a coleção de escultura não foi, nem está, alheia. Em dezembro de 2015, foi inaugurada a Sala do Presépio Português, seguindo uma linha cronológica iniciada com os fragmentos mais antigos recolhidos no nosso património (século XVI), e terminando no último dos presépios monumentais, concluído já na primeira década do século XIX. De pequena escala, até às montagens cenográficas das grandes maquinetas, conjugam-se para mostrar no museu a representação da Natividade de Jesus, com a mestria escultórica e de acabamento até aos mais ínfimos detalhes nas pequenas imagens. Já na sala que serve de antecâmara à Capela das Albertas (antiga igreja do convento carmelita de Santo Alberto, que se conserva “dentro” do edifício desenhado pelo arquiteto Guilherme Rebelo de Andrade, construído entre 1937 e 1940), o *Presépio dito dos Marqueses de Belas* (MNAA inv. 642 Esc) veio fechar esse circuito em

2018. Objeto de profundo restauro, investigação e remontagem, revelou-se ser a última das grandes máquinas de presépios barrocos, mas, afinal, não resultar da encomenda de altas figuras da nobreza, e sim de um rico comerciante burguês colecionador.

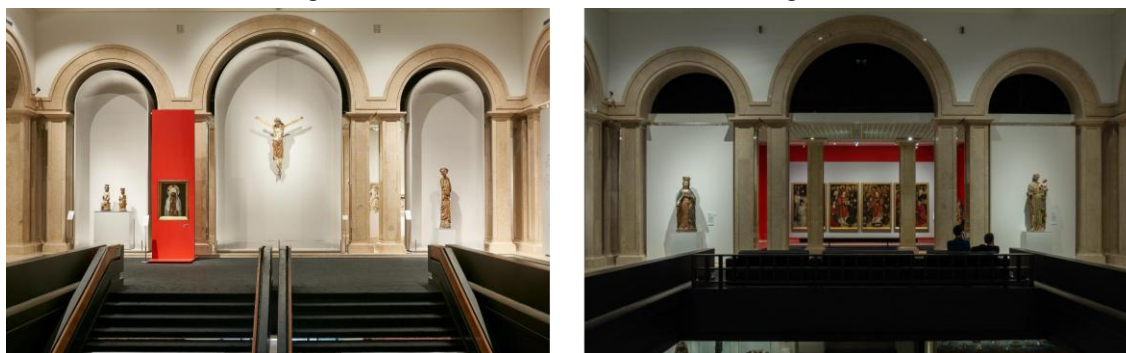
Figura 3 – Sala de antecâmara da Capela das Albertas



Fonte: © MNAA, Paulo Alexandrino.

O ano de 2016 marca outra etapa, quando foi renovado todo o Piso 3 do Edifício Anexo Rebelo de Andrade, desde o início da sua abertura votado às exposições “permanentes” de arte portuguesa, abrindo-se a Galeria de Pintura e Escultura Portuguesas. Mostradas com uma museografia e uma luz integralmente renovadas, a pintura e a escultura foram consideradas como formas complementares da criação artística, passando a distribuir-se pelo espaço em conjunto. Consideraram-se não só as dominâncias de cada expressão artística na história das artes em Portugal, mas também as características identitárias destas duas coleções, das suas histórias, da sua história no MNAA e da história do MNAA. O mote do cruzamento das duas categorias de objetos artísticos fica assinalado à entrada pela pintura *Ecce Homo* (c. 1570, pintura sobre madeira de carvalho, Inv. 433 Pint.), aplicada num suporte museográfico vermelho, pormenor cromaticamente dissonante do sistema definido para todo o restante espaço expositivo cujas cores são neutras. O golpe de cor criaria a relação visual necessária com outro painel centralizado no topo oposto do espaço de entrada, com a sala que acolhe os *Painéis de São Vicente* (hoje em restauro mostrado ao público), reutilizando o “vermelho MNAA”, presente em todas as alas renovadas do museu.

Figura 4 – Galeria de Pintura e Escultura Portuguesas



Fonte: © MNAA, Paulo Alexandrino.

A inclusão do *Ecce Homo* entre as esculturas mais antigas transmite o valor de ícone da obra, que, apesar de datar da segunda metade do século XVI, segue modelos da pintura medieval, congregando assim pintura e escultura enquanto expressões do longo tempo das imagens.

Ainda nesta Galeria, as três arcadas do topo poente funcionam como o ponto de partida para o encontro do público com a escultura medieval. Trabalhadas como cabeceira erguida no topo das escadas, surgindo como dispositivos côncavos que retomam a forma das absides, destinaram-se à escultura em madeira policromada dos séculos XIII e XIV, com notáveis heranças dos modelos românicos.

Neste “claustro” contemporâneo, de paredes descontínuas, entrevêm-se outras salas de exposição que são quadras interiores. Os painéis servem de anteparo expositivo dorsal para esculturas medievais em pedra, peças de escala significativa, esteticamente referenciais e individualizadas sobre os seus plintos claros que as destacam como *masterpieces*, mantendo a memória do conceito aplicado na antiga exposição permanente de Sérgio Guimarães de Andrade.

A entrada na galeria interna da Escultura Medieval em pedra (século XIV-início do século XVI) faz-se pelas arcadas. Pequenos núcleos de Oficinas e Mestres autonomizam centros de produção na linha cronológica gótica, identificadas por títulos, agregando-se as obras pela sua identidade plástica e formal; surgem pousadas sobre étagères lacadas a branco desenhadas pela arquiteta Manuela Fernandes, como contemporâneos altares que individualizam cada uma das imagens. Em frente desta fiada de “altares”, ou sobre plintos destacados, uma obra “cabeça de série” condensa os caracteres desse centro ou de uma oficina determinada. Pretendeu-se, deste modo, tornar clara para o visitante uma história ancorada no tempo e no território, com expressão das dominâncias materiais, a determinação de centros de produção e de características compositivas e formais que, ao longo do percurso, vemos encaminharem-se progressivamente para modelos autorais.

Figura 5 – Ala da Escultura Medieval, Galeria de Pintura e Escultura Portuguesas

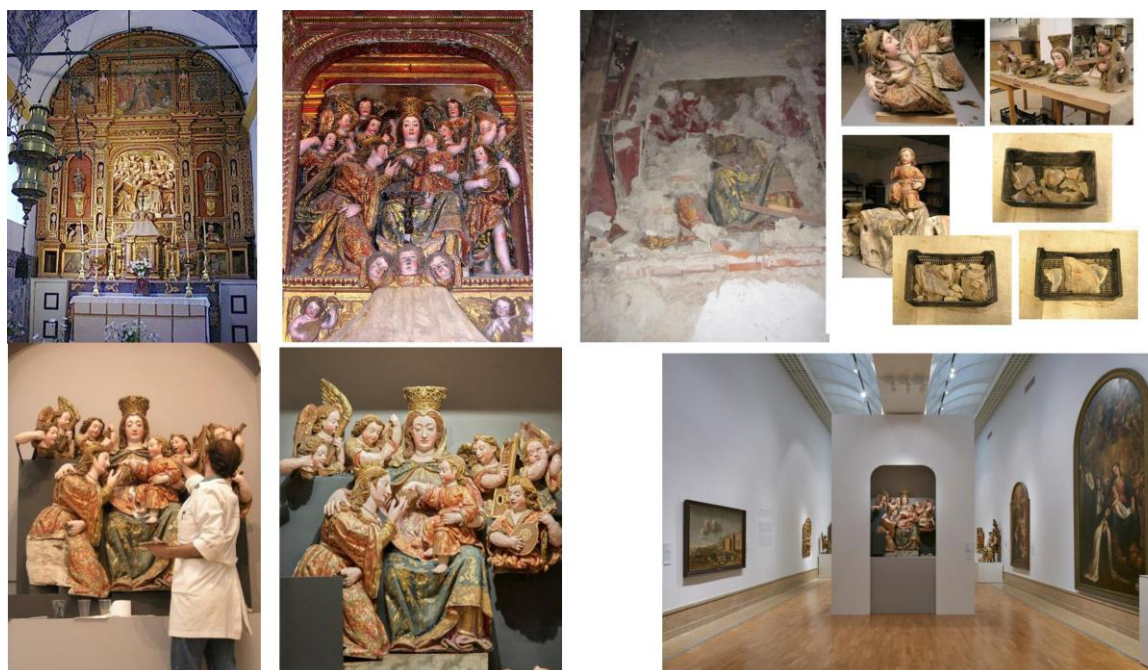


Fonte: © MNAA, Paulo Alexandrino.

A orientação cronológica do circuito dirige para a última galeria do espaço central, ocupada pelas imagens esculpidas em madeira policromada do fim do século XV e primeiro quartel do século XVI, na sua maioria com origens retabulares, produzidas no contexto artístico luso-nórdico ou luso-flamengo. Continuando o percurso, nas salas interiores, e em diálogo constante com a pintura Quinhentista portuguesa contemporânea, destaca-se o importante núcleo de imaginária do Renascimento, maioritariamente produzido em Coimbra e esculpido no calcário macio de Ançã por João de Ruão ou por escultores formados na sua oficina. Em relação com este conjunto de imagens – em que se inclui um pequeno retábulo em pedra de devoção privada –, duas das mais importantes esculturas civis da coleção do MNAA rompem com o discurso. A primeira é um coroamento de fonte com as figuras do rei D. Manuel e da sua irmã rainha D. Leonor e respetivos emblemas, dita *Fonte Bicéfala* (Inv. 644 Esc.); a outra, o *Jacente de D. Manuel de Lima* (Inv. 2468 Esc.) esculpido provavelmente por Jerónimo de Ruão para a capela funerária do Convento de São Francisco da Cidade, em lioz de Lisboa, de retrato personalizado e armadura decorada com finos ornatos renascentistas, que paira na horizontal, suspendendo o circuito do sentido das imagens.

O último núcleo da sequência das salas da Galeria volta a revelar o domínio da imagem esculpida no Barroco dos séculos XVII e XVIII, menos valorizada na história das exposições de escultura do MNAA.

Figura 6 – Casamento Místico de Santa Catarina



Fonte: © MNAA, Arquivo da Coleção e MNAA, Paulo Alexandrino.

Contrariando a ideia preconcebida de um século XVII marcado pelo peso tenebrista da religiosidade, o corpo central de um retábulo em barro cozido e policromado com a representação do *Casamento Místico de Santa Catarina*, dá a ver uma nova expressão feliz da arte produzida em Portugal em contexto religioso, durante esse século. O conjunto é proveniente do Convento franciscano de Santa Catarina da Carnota, onde foi vandalizado e destruído. Os fragmentos foram resgatados pela polícia e posteriormente doados ao MNAA. O corpo central do retábulo foi restaurado por André Varela Remígio e montado em suporte museográfico desenhado pela arquiteta Manuela Fernandes.

Na sala seguinte, apenas entrevista a partir do suporte museográfico do fragmento retabular, encena-se o espaço densamente povoado pelo dourado e intensa cor das esculturas do século XVIII. A pintura e a escultura alternam neste segmento, pontuadas pelas molduras em talha dourada. Um presépio de António Ferreira (c. 1701-1750), remontado em vitrina transparente, faz a ponte com a sala de exposição dedicada ao Presépio Português, situada no Piso 1 do mesmo edifício Anexo.

Nesta descrição das últimas narrativas expositivas da escultura no MNAA, vimos abordando o processo de sacralização museológica através da exposição e dos seus significados. Museologicamente, apontamos ainda outros caminhos, tal como uma liturgia funcional do museu. A conservação, a investigação, a renovação do conhecimento, a permanente descoberta de significados, a reinvenção desses significados através da participação do público, fazem e refazem o museu. A biografia dos objetos não está, afinal, concluída no momento da incorporação, nem da exposição, prosseguindo o processo de sacralização museal das esculturas. Desse processo são indissociáveis o restauro e a conservação contínua das obras de arte, convocando a ciência da arte; a investigação documental e visual, que inesperadamente informa sobre proveniências improváveis e autorias insuspeitas.

Está presente no olhar atento que vai redescobrimo camadas de história nas matérias das esculturas, como no caso paradigmático da imagem da *Virgem com o Menino e São João Baptista* (MNAA inv. 514 Esc), cultuada como Nossa Senhora da Caridade, de que hoje conhecemos a história quase completa, tal como a sua sobrevivência ao Terramoto de 1755. A Figura 7 expõe a imagem de Manuel Dias (1688-1755), em pinho silvestre e carvalho, dourada, estofada e policromada, proveniente da Ermida de Nossa Senhora da Caridade, Lisboa, 1917.

Figura 7 – Virgem com o Menino e São João Batista, Nossa Senhora da Caridade, c. 1748



Fonte: MMP /ADF / MNAA, inv. 514 Esc. e inv. 13 Mov.

Foi redescoberta na intervenção de restauradores, conservadores e historiadores de arte, permitindo chegar ao seu encomendante (e à alteração do seu gosto durante o processo da encomenda), ao seu escultor Manuel Dias (popularmente identificado como “o Pai dos Cristos”) que a terá executado c. 1748 para a Ermida de Nossa Senhora da Caridade, em Lisboa, conhecer as variadas alterações ao longo da sua história material, que ficaram impressas nas formas e na policromia, mas também foram registadas sucessivamente nos desenhos e nas gravuras suas contemporâneas, continuando a ter culto celebrado como Nossa Senhora da Caridade até à sua passagem para o MNAA, em 1917 (Ribeiro; Cardoso; Carvalho, 2018; Saldanha, 2018).

O processo de sacralização museológica das esculturas do MNAA revela-se, assim, como um fenómeno complexo e dinâmico, no qual convergem práticas de preservação material, investigação histórica, mediação cultural e experiência estética. Através da lente da biografia cultural dos objetos, torna-se evidente que o museu não é apenas o espaço que os guarda, mas também de reinscrição simbólica e de renovação de sentidos.

As esculturas, outrora marcadas por funções devocionais específicas, assumem agora o papel de mediadoras de memória, identidade e conhecimento, em diálogo com públicos diversos. A sacralização contemporânea configura-se, assim, como uma forma de culto laico e partilhado, fundado na ética do cuidar e no compromisso com a valorização do património comum.

Referências

APPADURAI, Arjun (ed.). *The Social Life of Things: Commodities in Cultural Perspective*. Cambridge: Cambridge University Press, 1986.

BENJAMIN, Walter. *Das Kunstwerk im Zeitalter seiner technischen Reproduzierbarkeit*. Paris: Librairie Félix Alcan, 1936.

CARVALHO, Maria João Vilhena de. *A Constituição de uma Coleção Nacional*. As Esculturas de Ernesto Vilhena. Lisboa: Caleidoscópio, 2017.

INTERNATIONAL COUNCIL OF MUSEUMS. *Nova definição de museu*. São Paulo: ICOM, 2022. Disponível em: <https://www.icom.org.br/nova-definicao-de-museu-2/>. Acesso em: 31 ago. 2025.

KOPYTOFF, Igor. The cultural biography of things: commoditization as process. In: APPADURAI, Arjun (ed.). *The social life of things: commodities in cultural perspective*. Cambridge: Cambridge University Press, 1986. p. 64-91.

RIBEIRO, Conceição; CARDOSO, Isabel Pombo; CARVALHO, Maria João Vilhena de. A “Virgem com o Menino e São João Batista” e o “Cristo Crucificado” do MNAA: Notas para a biografia material da escultura de Manuel Dias. In: SALDANHA, Sandra Costa; CARVALHO, Maria João Vilhena de (ed.). *“O Pai dos Cristos”*: esculturas de Manuel Dias (1688-1755). Lisboa: MNAA, 2018. p. 52-66.

SALDANHA, Sandra Costa. Da Ermida ao Museu: o percurso da imagem de “Nossa Senhora da Caridade”. In: SALDANHA, Sandra Costa; CARVALHO, Maria João Vilhena de (ed.). *O Pai dos Cristos*: Esculturas de Manuel Dias (1688-1755). Lisboa: MNAA, 2018. p. 28-51.